

IRMÃOS KARAMÁZOV E O ENSINO MÉDICO

QUAL O PONTO DE ENCONTRO?

Iêda Maria Barbosa Aleluia

(Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública)

| INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES |
|--|
| <p>Iêda Maria Barbosa Aleluia é formada em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta dos cursos de Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestrado em Medicina pela UFBA, doutorado em Medicina e Saúde Humana pela EBMSP, pós-doutorado em Saúde Coletiva pela UNIFESP. Especialista em Educação para Profissões de Saúde pelo Instituto Faimer-Brasil. Membro dos grupos de pesquisa GPOPS (Outras Palavras em Saúde: narrativas e humanização) e do Pró-ensino na Saúde. E-mail: iedaleluia@bahiana.edu.br e imbarbosa@uneb.br</p> |

| RESUMO | ABSTRACT |
|--|--|
| <p>Estudos trazem a importância da inclusão das artes, especialmente da literatura no currículo médico, a fim de aprofundar competências atitudinais tais como a empatia, a compaixão, a escuta do outro e o autocuidado. Pensar o ser médico, nessa reflexão que proponho equivale a estar no mundo, afetado por tudo o que nos é apresentado no caminho, reconhecer o desconforto que sentimos ao presenciar a dor do outro (e a nossa), e, a partir daí, agir na justa medida, para além do exercício da técnica biomédica. Trata-se de um estudo qualitativo, tendo como base uma análise das personagens do livro <i>Os Irmãos Karamazov</i>, de Fiódor Dostoiévski, e do perfil esperado do egresso dos cursos de medicina, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), de 2014. Para este estudo, escolhi três situações da narrativa que nos permitem abordar os temas de formação humanista: escuta atenta, o acolhimento, a empatia, a reflexão sobre o papel estendido do médico e o conceito de cuidado.</p> | <p>Studies show the importance of including the arts, especially literature, in the medical curriculum, in order to deepen attitudinal skills such as empathy, compassion, listening to others, and self-care. Thinking about being a doctor, in this reflection that I propose, is equivalent to being in the world, affected by everything that is presented to us along the way, recognizing the discomfort we feel when witnessing the pain of others (and our own), and, from there, acting in the right measure, beyond the exercise of biomedical technique. This is a qualitative study, based on an analysis of the characters in the book <i>The Brothers Karamazov</i>, by Fyodor Dostoevsky, and the expected profile of medical school graduates, according to the National Curricular Guidelines (DCNs), of 2014. For this study, I chose three situations from the narrative that allow us to address the themes of humanistic training: attentive listening, welcoming, empathy, reflection on the extended role of the doctor, and the concept of care.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE | KEY-WORDS |
|---|--|
| Educação médica; Literatura e Medicina; Humanidades | Medical education; Literature and Medicine; Humanities |

INTRODUÇÃO

“Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência
Dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo”
(Cecília Meireles)

A literatura e a medicina sempre tiveram ligações, porém com a evolução positivista da desta, os laços foram se afrouxando e o tecnicismo tomou maior espaço nessa relação. Por outro lado, a medicina continua sendo uma profissão que lida com a dor, com a esperança, com a vida e com a morte, necessitando que o profissional médico seja capaz de realmente escutar e olhar para o paciente e propor caminhos (Bastos; Vasconcelos; Hansem; Moreira, 2022). De acordo com Scliar (2000), apesar da medicina se ver como uma ciência, e usar a linguagem da ciência, a sua matéria é o ser humano, que é mutável, sujeito às intempéries do ambiente onde está inserido. Talvez neste ponto, a linguagem dos escritores possa trazer a humanidade de volta à prática médica, porque aborda uma reflexão do humano amplamente.

Estudos vem provando a importância da inclusão das artes, especialmente da literatura, no currículo médico, a fim de aprofundar competências atitudinais tais como a empatia, a compaixão, a escuta do outro e o autocuidado (Mega; Bueno; Menegaço; Guilhen; Pio; Vernasque, 2021; Müller; Souza; Costa Neto; Dias, 2023). O uso da literatura de ficção tem se tornado um recurso didático nos cursos de medicina, haja vista as reflexões que provoca no leitor sobre si mesmo, sobre valores, relações humanas, bem como capacidade de observação, imaginação clínica.

Diante disso, proponho discutir, com o auxílio do livro de Dostoievski, como a literatura e sua inserção na formação médica pode ajudar a formar um profissional humano, ético e reflexivo, como orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de 2014. Além disso, pretende-se tentar refletir sobre a educação médica em uma sociedade que, com suas demandas de performance e com a fragilidade das relações estabelecidas, deve enfrentar o desafio que as DCNs exigem. Como fazer esse processo alquímico, para que a Grande Obra da experiência do cuidado de si, e do outro, aconteça, ou como diz Jung (2003, p.27): “tornando-se consciente daquilo que se faz e especialmente não fechando os olhos à própria dubiedade, tarefa que de fato faz tremer”.

Neste artigo faço uma ponderação sobre possibilidades de análise da formação médica pelo viés da literatura a partir do livro *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski (2021), procurando refletir sobre as personagens do livro e a prática médica, a qualidade das relações humanas em uma sociedade de consumo para uma formação médica mais saudável e humanística.

1 COMO A TRAMA FOI SE TECENDO

Vou começar o texto com a pergunta do título: qual o ponto de encontro desses dois personagens, Aliócha e Dimitri? Colocar o ensino médico no meio deles ou olhar para a educação médica através desse referencial pode ser mais complexo. Alguns poderão até dizer que não há nada que os una, que é simplesmente uma coincidência ou uma forma de forçar realidades paralelas a se encontrarem. Mas vou tentar mostrar que existe esse ponto, esse lugar de intercessão onde eles se reúnem e conversam entre si, e criam possibilidades de extrapolar a formação tecnicista do médico em direção à uma formação humanística, voltada para a existência humana em toda sua complexidade e beleza, com suas dores e acalantos, suas incertezas e incompletudes.

A literatura é um caminho que pode nos trazer reflexões e reconhecimentos profundos sobre a realidade que nos rodeia. As personagens de *Os Irmãos Karamázov*, Dostoiévski (2021) apresentam facetas do humano, e do não humano, que nos constituem: amor, beleza, pureza, bondade, lascívia, crueldade, dissimulação e outras mais. Revelam que somos mais do que aparência (mais do que doenças), temos histórias e sentimentos que nos formam, e deformam. Ser um Karamázov é reconhecer-se um ser da terra e da sujeira, mas também é ver-se humano, e por isso mesmo indefinível; um mistério que engloba a luta entre o bem e o mal no coração humano. É entrar em contato com a dor, com o amor, e assim achar um caminho neste mundo. Caminhar e existir no mundo, sendo afetado para o bem ou para o mal, para o desconforto ou não.

Pensar o ser médico, nessa reflexão que proponho, é exatamente isso: estar no mundo, afetado por tudo o que nos é apresentado no caminho. Distinguir o desconforto que sentimos ao presenciar a dor do outro (e a nossa), e a partir daí, agir na justa medida. É reconhecer o sentido da vida para além do exercício da técnica biomédica, e para isso é necessário o Outro (neste texto sempre em maiúscula, reconhecendo a alteridade do sujeito, do paciente). Esse Outro que se apresenta como o paciente que precisa falar, ser ouvido, tocado, reconhecido, para assim se abrir. E nessa relação estabelecida, o médico se enxerga nesse Outro, se abre ao mistério, começa a caminhar junto com o paciente em uma relação mais horizontal, mais fraterna, mais amorosa.

Marca seus limites e suas possibilidades, suas fragilidades e vulnerabilidades, e se tem a coragem que Guimarães Rosa (também médico) nos fala, ele vive a relação de forma adequada. Pois, parafraseando o escritor em *Grandes Sertões: Veredas* (2001), exercer a medicina de forma humana é perigoso e nos pede coragem.

Estamos em uma sociedade que, de acordo com Byung-Chu Han (2020), vive no cansaço de ter a obrigação de sempre ter alta performance, de ser positiva, de não fracassar, e assim se arrisca na fronteira do burnout e da depressão. Os números

mostram que os médicos apresentam altos níveis de burnout, de depressão e de suicídio quando comparados com a população em geral (Moreira; Souza; Yamaguchi. 2018; Kawasaki, 2021). As relações de trabalho mudam, e hoje o médico não é mais empregado, mas empreendedor, chefe de si mesmo, contudo sujeito às leis de mercado de oferta e demanda, de alta performance e produtividade. Como conciliar valores tão distintos sem soçobrar na angústia e no sofrimento, sem se encourçar contra os sentimentos e relacionamentos mais profundos? Segundo Bauman (2004), nossas relações hoje são líquidas, superficiais e frágeis, e se assim o é, como dar concretude e criar laços que envolvam afetos, medos e vulnerabilidades nas relações humanas? Como lidar com essa dificuldade e ambivalência que nos deixa na incerteza do caminho a seguir?

Uma possibilidade é refletir sobre essas ambivalências, incertezas e incompletudes como sendo algo próprio do humano (Gallian, 2022), e usar a literatura como base para essa reflexão sobre ser e existir em um mundo plural e diverso. Pensando em um processo alquímico, Jung (2003, p. 130) nos alerta para que “a técnica e a ciência conquistaram o mundo, mas saber se a alma ganhou com isso é outra questão”. Não proponho um afastamento nem a negação da ciência, mas a reflexão de que não há apenas um saber, nem uma abordagem do mundo. A água que nos traz o conceito de dissolução na obra de Bauman (2004) também tem essa conotação na linguagem alquímica, contudo na alquimia ela dissolve, levando à morte de um padrão para que outro nasça. Esse pode ser o caminho pelo qual a literatura nos leve. Águas que dissolvem padrões para que outros surjam.

2 METODOLOGIA: UMA ESCOLHA SINGULAR

Em 2023.2, cursei a disciplina Humanidades e Saúde 8, como parte do meu pós doutoramento na UNIFESP. O tema do curso foi **A Saúde Existencial e o Itinerário Terapêutico da Leitura Literária**, com a leitura e discussão do livro *Os Irmãos Karamázov*, de Fiódor Doistoievski (2021). Diante das reflexões advindas dos encontros, achei pertinente escrever este texto. Trata-se de um estudo qualitativo, tendo como base a análise das personagens do livro e do perfil esperado do egresso dos cursos de medicina, de acordo com as características descritas nos artigos 3º e 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de 2014:

Art. 3º O graduado em Medicina terá formação geral, humanista, crítica, reflexiva e ética, com capacidade para atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, nos âmbitos individual e coletivo, com responsabilidade social e compromisso com a defesa da cidadania, da

dignidade humana, da saúde integral do ser humano e tendo como transversalidade em sua prática, sempre, a determinação social do processo de saúde e doença.

Art. 4º Dada a necessária articulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes requeridas do egresso, para o futuro exercício profissional do médico, a formação do graduado em Medicina desdobrar-se-á nas seguintes áreas: I - Atenção à Saúde; II - Gestão em Saúde; e III - Educação em Saúde (DCNs, 2014, p. 1).

Para tal, escolhi a estratégia de colocar Ivan e Aliócha como estudantes de medicina, e Dimitri como o paciente que busca ajuda para suas dores. Foram destacados trechos do livro que mostram conversas entre eles. Posteriormente, avaliei uma discussão entre os dois irmãos sobre como lidar e compreender a situação do paciente, em que cada um descreve a relação estabelecida com Dimitri. A partir dos encontros com o grupo de participantes da disciplina, e dessa discussão entre eles, analisei suas atitudes e decisões de acordo com o proposto nas DCNs (2014) para o perfil do profissional médico, e como a introdução das humanidades nos currículos pode contribuir para realizar esse desafio. Pensar junto amplifica, modifica e enriquece nossos pensamentos, experiências e ações. É a experiência da arte-dialógica, que pode nos ajudar neste percurso existencial de cada um.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: ENTRANDO POR CAMINHOS DESCONHECIDOS

Escolhi três situações que podem abordar os temas de formação humanista e ética, com olhar para o social e não só para o aspecto biomédico. A escuta atenta, o acolhimento, a empatia, a reflexão sobre o papel estendido do médico (não só focado na doença, mas também nos determinantes sociais), o conceito de cuidado (que não se restringe ao hospital e sua farmacopeia). Mas são caminhos diferentes do que habitualmente percorremos para tratar de tais assuntos.

SITUAÇÃO 1:

Aliócha encontra Dimitri, e este lhe faz uma confissão. Esse trecho é formado de partes do texto integral e mostra o início do que chamaremos de “consulta”, quando o médico se encontra com seu paciente, e este lhe pede para ser escutado e não julgado.

Aliócha logo percebeu o estado de êxtase do irmão, mas, ao entrar no caramanchão, viu sobre uma mesinha uma pequena garrafa de conhaque e uma taça... Não estou enchendo a cara, mas tão somente “guloseimando”... Agora, enquanto estou alegre, falo!...Ficarás o tempo todo calado e eu falando, porque chegou a minha hora...Aliócha resolveu

esperar. Compreendeu que, agora, todos os seus afazeres estivessem realmente só ali. Mítia ficara por um minuto meditativo, com os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça baixa apoiada nas mãos. Os dois calavam (Dostoiévski, 2021, p. 157-159).

Nesta situação, a capacidade de escuta do médico é colocada à prova. O paciente pede explicitamente, fala de sua necessidade de ser ouvido, sem interrupções e sem julgamentos. E é ouvido. No perfil do egresso é destacado que o graduado deve ter formação humanística, ética e reflexiva. Aliócha pode representar esse profissional em sua postura respeitosa e humana para com seu irmão/paciente. Isto se relaciona diretamente com o preconizado na Política Nacional de Humanização (2013), que alerta para o fato de que humanizar tem a ver com a inclusão das diferenças, com o exercício da escuta qualificada, que possa levar a um diálogo envolvendo o processo de adoecimento e de sofrimento do Outro.

Na narrativa de Dostoiévski, Aliócha encarna essa reflexão sobre o amor, sobre o respeito aos sentimentos (do outro e de si mesmo), sobre a consciência de si e do outro. Fazendo o paralelo com a formação médica, Aliócha nos mostra, nesta passagem, que é pela escuta que formamos laços, vínculos. E por meio destes, podemos ter a experiência de enxergar quem é este Outro que nos procura para falar de suas dores, medos e angústias. Ao ouvir, o médico também pode reconhecer suas dores, medos e angústias, desenvolvendo uma relação empática e horizontal com seu paciente. Ao estabelecer essa relação, desfaz-se o isolamento de dois seres, criando-se um novo entorno e uma nova compreensão do que está sendo vivido. A Medicina Narrativa também nos chama atenção para esse ponto: uma visão relacional, mais abrangente, pois envolve a atenção e o vínculo (Charon, 2015; Charon 2001). Dessa forma, ela pode oferecer outro caminho diferente do antigo tripé biomédico que restringe a relação entre doente, doença e médico, sem levar em conta a história da pessoa que adocece, a escuta sensível e uma postura de atenção plena para o Outro (Silva; Mendonça; Silva; Correia, 2023). É exatamente para isso que a Medicina Narrativa aponta: não se esquecer do sofrer do paciente e processar a ampliação da visão médica, pois leva em conta a partilha, o diálogo e o encontro. Tudo isso marcado pela conversação, curiosidade, contexto, complexidade, desafio, precaução e cuidado, como nos lembra Launer (2013).

SITUAÇÃO 2:

Aliócha conversa com Lise sobre uma situação especial que ele viveu, consequência dos atos de seu irmão Dimitri. Esse momento, apesar de não ser entre os irmãos, foi escolhido porque se relaciona com o conceito de empatia. Além de abrir uma reflexão sobre o cuidado com os doentes, nossa visão sobre cuidado e nosso preparo

para realizá-lo.

É interessante o início da conversa, pois Lise pergunta a Aliócha se ele não está adotando uma postura de desprezo e arrogância frente ao capitão humilhado pelo seu irmão Dimitri, e ele dá esta resposta:

[...] Pense, que desprezo pode haver aqui quando nós mesmos somos iguaizinhos a ele, quando todos são iguaizinhos a ele? Porque nós mesmos somos iguaizinhos e não melhores. E se fôssemos melhores, ainda assim seríamos iguaizinhos estando no lugar dele... Sabe, Lise, meu stárietz disse certa vez: deve-se cuidar de todas as pessoas como se cuida de crianças, mas de algumas como se cuida dos doentes nos hospitais... estou pronto, só que não inteiramente pronto... (Dostoiévski, 2021, p. 300).

Aliócha se coloca em pé de igualdade com o Outro, reconhecendo inclusive que mesmo se fosse melhor, ao estar em situação semelhante de dor, humilhação e perda, ele seria semelhante, pois estaria tão vulnerável quanto o paciente.

Outro ponto que chama atenção aqui é a reflexão que devemos fazer sobre o conceito de cuidado. O que pode significar cuidar dos outros como se cuida de crianças, e de outros como se fossem doentes nos hospitais? Ao mesmo tempo que Aliócha se coloca em situação de igualdade com o Outro, ele vive a ambivalência do poder médico de saber como se deve tratar o paciente. Essa reflexão é muito rica, pois, como Jung fala em seu *Estudos Alquímicos* (2003), talvez seja a maior dificuldade, para o ser humano, reconhecer essa dubiedade, essa ambivalência, quando estamos no processo de sermos quem devemos ser, e não apenas nos tornarmos quem é esperado pelo modelo hegemônico vigente. Aliócha nos convida a olhar para dentro, para a incompletude humana.

Tratar as pessoas como crianças tanto pode ser com o amor e leveza quanto com indulgência e infantilização do Outro, sem reconhecer suas histórias, saberes e necessidades. Tratar então como doentes em hospitais, pode ser reconhecer a fragilidade e vulnerabilidade do paciente, mas também exercer o poder biomédico institucionalizado, que dilui/dissolve a individualidade da pessoa, que não leva em conta sua subjetividade (Carmes, 2021). De qual ponto de vista Aliócha fala aqui? Quero crer, que seja do amor e do reconhecimento das fragilidades e demandas, pois ele mesmo diz que não “está inteiramente pronto” (Dostoiévski, 2021, p.300), mas que está em processo de transformação. A formação médica, apesar de todo caminho percorrido, ainda tem uma abordagem paternalista e hospitalocêntrica. Nesta reflexão, que a fala de Aliócha pode provocar, em nós, educadores médicos, podemos aliar Paulo Freire a Dostoiévski: a educação necessita de diálogo, reflexão crítica, conscientização, liberdade, emancipação e autonomia para transformar pessoas, e estas transformarem o

mundo (Carmes, 2021; Freire, 1987). A prática de um profissional crítico que lida com gente é criar essa responsabilidade na capacitação científica sem estimular os sonhos impossíveis, mas também não negar o direito de sonhar, como fala Paulo Freire (1997). Esse conceito é fundamental para a educação em saúde. Encontramos em bell hooks (2020), um diálogo potente com Paulo Freire, quando ela nos chama a atenção para termos sempre em mente um questionamento crítico, e que temos de incorporar na prática o que refletimos na teoria. Ser um profissional crítico, ético e reflexivo acontece na coragem de nos vermos incompletos e em processo.

Na educação médica, essa abordagem dos conflitos internos do futuro profissional é indispensável para que ele não seja absorvido/diluído nas relações líquidas e no modelo de produtividade selvagem que os filósofos nos alertam (Han, 2020; Bauman, 2004). Aqui também a Medicina Narrativa pode ajudar, ao apresentar o conceito de Competência Narrativa, ou seja, “a capacidade de reconhecer, absorver, interpretar, e agir sobre as histórias, dificuldades e aflições dos outros. A medicina praticada com competência narrativa, chamada medicina narrativa, é proposta como um modelo para uma prática médica humana e eficaz” (Charon, 2001, p. 1897).

SITUAÇÃO 3:

Aliócha conversa com seu irmão Ivan sobre o pai e Dimitri.

“ – E tu vais mesmo viajar tão brevemente, irmão?

- Sim.

- E o que vai ser de Dimitri e do nosso pai? Como vai terminar essa coisa entre eles? – pronunciou Aliócha com inquietação.

- Tu sempre entoando a tua ladainha! O que eu tenho a ver com isso? Por acaso sou vigia do meu irmão Dimitri? – ia cortando Ivan com irritação...Concluí o que tinha que fazer e vou embora (Dostoiévski, 2021, p.319-320).

“...Reconheço humildemente que não tenho nenhuma capacidade de resolver tais problemas, minha inteligência é euclidiana, terrena, portanto, como iríamos resolver aquilo que não é deste mundo? Aliás, eu também de conselho a nunca pensar nisso, amigo Aliócha...” (Dostoiévski, 2021, p. 325).

Nessa conversa entre os irmãos, encontramos o conflito entre a objetividade e a subjetividade, entre a técnica e a arte. Como entrar em contato com o Outro, se não abrimos uma via de comunicação empática? Se mantemos uma postura de isolamento e proteção?

O que Ivan propõe é não pensar na dor. É reduzir a vida a sua dimensão

biológica, sem narrativa, sem possibilidade de cura. Encontramos essa relação em Han (2020), que nos fala do ser humano moderno que olha para fora, que não dá significado para sua existência, para o mundo interno. Aliócha se inquieta com a possibilidade de que pai e filho se matem; Ivan não encontra sentido em se envolver nessa relação; não encontra sentido nessa dor, e prefere ir embora. Não estabelecer vínculos, não refletir sobre o processo; a solução está em não se envolver. Na formação médica, esse é um risco constante: não ouvir a narrativa do Outro (nem a sua), não reconhecer a subjetividade do encontro, e se isolar na linguagem biomédica da doença, terrena e euclidiana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: OUTROS PONTOS SE ABREM

O percurso feito na disciplina de Humanidades e Saúde 8, me levou a várias reflexões sobre a formação médica, e de outros profissionais de saúde, ao trazer para a discussão o livro *Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski (2021).

Pensar nas relações estabelecidas entre Aliócha, Ivan e Dimitri, pode abrir outros referenciais de discussão no campo da educação médica e da relação médico-paciente: Aliócha e a empatia, sua capacidade de ouvir, de se olhar e perceber suas fragilidades; Ivan e sua objetividade, seu apego ao racional e seu medo de envolvimento; e Dimitri, o paciente cheio de dores, de narrativas que precisam ser contadas e ouvidas.

Os Irmãos Karamázov nos mostram um caminho possível para refletir sobre o que é ser humano em todas as suas potencialidades e fragilidades. Mostram o papel da beleza e do amor ativo na formação da consciência humana. E por que não extrapolar para a formação do profissional de saúde? Afinal, Han (2020) traduz o que Walter Benjamin (2020, p.47) traz de alerta: “a narrativa que o doente confia ao médico no início de seu tratamento introduz o processo de cura”.

A disciplina de Humanidade e Saúde 8, com seu Itinerário dostoiévstiano para a saúde existencial, trouxe-me muitas descobertas e reflexões para meu percurso de docente de medicina, bem como para minha formação pessoal. Reflexões importantes de serem compartilhadas com docentes e discentes. Uma narrativa que induz à cura.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Zahar, 2004.

BENJAMIN, W. **O contador de histórias e outros textos**. (P. Lavelle, Org.). São Paulo/SP: Ed Hedra, 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização – PNH**. Brasília; 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: maio 2021.

BRASIL. Resolução nº 3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Medicina e dá outras providências. **Diário Oficial da União**; 23 jun 2014. Seção 1, p. 8-11.

CARMES, B. A. Análise de elementos da relação médico paciente na perspectiva de Paulo Freire. **Trabalho de Conclusão de Curso de graduação de medicina**, UFSC-Florianópolis, 2021.

CHARON, R. **O corpo que se conta: por que a medicina e as histórias precisam uma da outra**. São Paulo: Letra e Voz; 2015.

CHARON, R. The patient-physician relationship. Narrative medicine: a model for empathy, reflection, profession, and trust. **JAMA**, 286(15):1897-902. 2001.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os Irmãos Karamázov**. São Paulo/SP: Editora 34, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia; Saberes necessários à prática pedagógica**. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLIAN, D. **É próprio do humano: uma odisseia do autoconhecimento e da autorrealização em 12 lições**. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Record, 2022.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. 2ª ed. Petrópolis/RJ: ed. Vozes, 2020.

HAN, B-C. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2023.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade**. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2020.

JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**, vol. XIII. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2003

KAWASAKI, I. H. Estratégias de prevenção do suicídio em médicos: revisão sistemática de literatura. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, 29 (1), p.77-86. 2021.

LAUNER, J. Training in narrative-based supervision: conversations inviting change. In: Sommers L., Launer J, editors. **Clinical uncertainty in primary care**. New York: Springer; 2013. Doi: 10.1007/978-1-4614-6812-7_8.

MEGA, M. N.; BUENO, B. C.; MENEGAÇO, E. C.; GUILHEN, M. P.; PIO, D. A. M.; VERNASQUE, J. R. S. Experiência de estudantes com a literatura na formação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 45 (2): e059, pp. 1-10. 2021.

MOREIRA, H. A.; SOUZA, K. N.; YAMAGUCHI, M. U. Síndrome de Burnout em médicos: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 43:e3, pp. 1-11. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000013316>

MÜLLER, L. C.; SOUZA, C. M.; COSTA NETO, E. F.; DIAS, A. K. M. Das sílabas às rimas: a arte na formação médica. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, 18(45):3807, pp. 1-10. 2023.
[https://doi.org/10.5712/rbmfc18\(45\)3807](https://doi.org/10.5712/rbmfc18(45)3807).

SILVA, A. F.; MENDONÇA, M. O. L.; SILVA, R. C. F.; CORREIA, I. B. Entre ouvidos e palavras: um ensaio sobre medicina narrativa, redes sociais e humanização na Atenção Primária à Saúde. **Interface**, 27: e220467, pp. 1-12. 2023. <https://doi.org/10.1590/interface.220467>.

Título em inglês:

**KARAMAZOV BROTHERS AND MEDICAL EDUCATION:
WHAT IS THE MEETING POINT?**